

# ‘TRES STATUS MUNDI PROPTER TRES PERSONAS DIVINITATIS’: TEOLOGIA COMO HISTÓRIA TRINITÁRIO-APOCALÍPTICA EM JOAQUIM DE FIORE

*‘Tres status mundi propter tres personas divinitatis’:  
Theology as trinitarian-apocalyptic history in  
Joaquim de Fiore*

---

Vanderson de Sousa Silva\*

## Resumo

O presente artigo intenta perquirir a posição do abade e místico medieval Joaquim de Fiore acerca da teologia como história trinitário-escatológica. Joaquim sente-se autorizado a superar o absolutismo crístico, favorecendo uma concepção mais trinitária da história com acentos escatológicos e apocalípticos. Por fim, o artigo busca contribuir positivamente no retorno aos escritos joaquinistas que muito podem contribuir para a teologia como história humano-trinitária.

PALAVRAS-CHAVE: Joaquim de Fiore. Teologia como história. Trindade.

## Abstract

*This article attempts to assert the position of abbot and medieval mystic Joaquim de Fiore about Trinitarian theology as story-eschatological. Joaquim feels authorized to overcome absolutism Christic, favoring a more Trinitarian history with accents eschatological and apocalyptic. Finally, the article seeks to positively contribute to the writings can contribute that much to theology as history human-Trinity.*

KEYWORDS: *Joaquim de Fiore. Theology and history. Trinity.*

---

\* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (Teologia Litúrgica) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). O projeto de pesquisa gravita em torno da teologia das Orações Eucarísticas, tendo como orientador o Prof. Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana e apoio do CNPq. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduado em filosofia (IFITEPS), pedagogia (UNIRIO) e graduando-se em Ciências Sociais (UFF). E-mail: <semvanderson@hotmail.com>.

## Introdução

Ser-nos-á necessário pontuar, desde o início, que nosso trabalho intenta examinar a visão teológica do “profeta calabrês”, principalmente no que tange à concepção trinitário-escatológica com acentos apocalípticos.

Como assevera Bruno Forte,<sup>1</sup> Joaquim de Fiore descobre o tempo histórico como espaço trinitário, irrompendo, portanto, o absolutismo de Cristo em favor de uma visão mais trinitária da história, partindo das “idades” ou etapas do tempo do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A importância teológica da doutrina trinitária na obra de Joaquim nos permite avaliar o seu papel na formação de sua concepção de história.

### 1 Traços biográficos

O século XII é caracterizado pela historiografia como o período de transformações culturais, políticas, sociais, e econômicas, ocorridas nos povos da Europa ocidental. Nessa época ocorreram eventos de grande repercussão: a renovação da vida urbana, após um longo período de vida rural, girando em torno dos castelos e mosteiros; o movimento das Cruzadas, a restauração do comércio, a emergência de um novo grupo social (os burgueses) e, sobretudo, o renascimento cultural com um forte matiz científico-filosófico, que preparou o caminho para o renascimento italiano, eminentemente literário e artístico.

Nesse período do Medievo, situa-se Joaquim. Nasceu em Celico na Itália, por volta do ano 1132 e faleceu a 30 de março de 1202, (Sábado Santo) na Abadia de San Martino di Canale, Calábria. Seu corpo foi trasladado para a Abadia de San Giovanni in Fiore. Joaquim era filho de Maurus de Celico, um notário a serviço dos reis normandos da Sicília, tendo crescido na corte e recebido acurada formação intelectual.

Joaquim realizou uma peregrinação à Terra Santa. Durante a mesma, fez uma experiência mística, aparentemente como resultado de uma grande calamidade, possivelmente uma epidemia, peste. No período litúrgico da Quaresma, passou em contemplação no Monte Tabor, onde teve uma visão mística que acompanhará todo a sua vida. Regressando à Itália, provavelmente em 1159, embebido da experiência mística, entrou

---

<sup>1</sup> FORTE, Bruno. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21-22.

para a Abadia cisterciense<sup>2</sup> de Sambucina. Nesta, dedicou-se à *Lectio Divina*, à contemplação e aos estudos da Sagrada Escritura; recusando-se, contudo, em receber o hábito cisterciense e as Ordens Sacras. Provavelmente, em 1168, face à oposição das autoridades eclesiásticas a este procedimento, tomou o hábito de Cister na abadia de Corazzo e foi ordenado presbítero.

Eleito abade, embora contra a sua vontade, Joaquim, sentindo o peso do múnus abacial e que o governo da Abadia era um empecilho aos seus estudos da Sagrada Escritura, que ele considerava ser a missão da sua vida, pediu escusa ao papa Lúcio III, o qual em 1182 o desonerou do governo temporal da Abadia e entusiasticamente aprovou o seu trabalho, encorajando-o a prosseguir-lo na abadia da sua escolha.

---

<sup>2</sup> A Ordem Cisterciense foi fundada pelos santos Roberto, Alberico e Estevão no ano de 1098, no século XI. A sua origem remonta à fundação da Abadia de Cister (em latim, Cistercium; em francês, Cîteaux), na comuna de Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, Borgonha, em 1098, por Roberto de Champagne, abade de Molesme. Este, juntamente com alguns companheiros monges, deixara a congregação monástica de Cluny para retomar a observância da antiga regra beneditina, como reação ao relaxamento da Ordem de Cluny. Através da “Charta Charitatis”, em complemento à regra da Ordem de São Bento, Estêvão – terceiro abade de Cister – estabeleceu que a autoridade suprema da Ordem seria exercida por uma reunião anual de todos os abades. Os mosteiros eram supervisionados pelo mosteiro-sede, em Cîteaux, e pelos quatro mosteiros mais antigos da Ordem. A ordem terá um papel importante na história religiosa do século XII, vindo a impor-se em todo o Ocidente por sua organização e autoridade. Uma de suas obras mais importantes foi a colonização da região a leste do Elba, onde promoveu simultaneamente o cristianismo, a civilização ocidental e a valorização das terras. Os cistercienses combinavam dois elementos da tradição monástica: uma componente de vida eremítica – a solidão e o silêncio em que viviam os monges para dedicar-se à oração – e a vida fraterna proposta pela Regra de São Bento que, por sua vez, realiza o ideal da vida apostólica, ou seja, a unanimidade de coração e alma da comunidade primitiva de Jerusalém em torno dos Apóstolos, uma existência em que o amor de Deus transborda em amor fraterno e comunhão. Dentro de um quadro de austeridades que compreendem não só o afastamento do mundo (porém não um desinteresse pelo mundo em suas carências e aflições), mas também o despojamento da pobreza e da simplicidade, um regime alimentar sóbrio e a fecunda monotonia do trabalho manual, unidas a um intenso ritmo de oração (comunitária – o ofício divino recitado em coro – e individual) e a *lectio divina* (leitura meditada que leva à oração, sobretudo usando a Sagrada Escritura), o monge deveria encontrar a Deus. Tratava-se de um mosteiro reformado, como muitos de seu tempo, em que se procurava viver a vocação monástica de uma forma mais autêntica, sem compromissos com o mundo, seus negócios e interesses, buscando só a Deus na pobreza, no despojamento, no trabalho das próprias mãos, no silêncio e na oração. Os cistercienses seguiam a Regra de São Bento, escrito que reflete a sabedoria espiritual daquele que é considerado o patriarca dos monges do Ocidente e que viveu na Itália, no século VI. Cf. SANTOS, L. A. R. Nada antepor ao amor de Cristo. Diretório Espiritual dos Monges e Monjas da Congregação Brasileira. Musa: São Paulo, 2007.

Passou os anos seguintes na abadia de Casamari, na Itália, trabalhando afanosamente nos seus livros e estudos. Recebe a aprovação papal por Urbano III (1185) e por Clemente III (1187), tendo este exortado Fiore a completar o seu trabalho e a submetê-lo à aprovação eclesiástica. Fiore retira-se para o eremitério de Pietralata, acabando depois por fundar uma nova ordem religiosa. A abadia de Fiore (ou de Flora) nas montanhas da Calábria, aprovada pelo papa Celestino III, embora mantivesse os princípios beneditinos da Ordem Cisterciense, era mais rigorosa e mais mística. No ano de 1200, Joaquim de Fiore submeteu publicamente os seus escritos ao exame do papa Inocêncio III, mas faleceu no Sábado Santo desse ano, antes de ser proferido o julgamento eclesiástico. O abade cisterciense Joaquim de Fiore marcou profundamente o seu tempo, o século XII, dando origem a um movimento denominado joaquinismo.

Esses dados históricos acerca da personagem Joaquim são importantes para compreender sua doutrina, pois a vida monástica; sua espiritualidade, primazia do estudo e oração dos textos da Sagrada Escritura e os aspectos de tensão escatológica que é a vida monástica permitiram a Joaquim construir sua doutrina.

## 2 Prefação ao pensamento joaquiniano

Para melhor penetrar no pensamento do Abade Joaquim de Fiore, necessita-se balizar conceitos como apocalipse, escatologia<sup>3</sup> e história, em suas possíveis relações. Mottu assevera que

o apocalíptico é um profeta que não está mais ligado à história e faz a experiência da noite, do abandono, quase do niilismo; mas isto significa que não ‘prevê’ somente um futuro que ainda não existe, prediz um futuro que não pode chegar, mas que, paradoxalmente, deve chegar.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> O exegeta Gerard von Rad, acerca do termo escatologia, assim pondera: “Estamos ainda muito longe de um acordo sobre o que convém chamar de escatologia. Muitos especialistas abordam este conceito com grande reserva, porque, segundo eles, mais encobre do que revela. Só aceitam empregá-lo quando expressamente se trata do fim dos tempos, da realização da história, isto é, de acontecimentos que se situam fora da história”. RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. São Paulo: Aste, 1986, p. 111

<sup>4</sup> MOTTU, H. La manifestazione dello Spirito secondo Giacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 97.

Partindo dessa afirmação de Mottu, poder-se-ia mesmo corroborar a ideia segundo a qual o gênero apocalíptico toca matizes do profetismo, contudo de forma a não prender-se à história, mas antes permitindo digressões para o além-histórico, ou ainda, o trans-histórico. Assim, Joaquim, como todo teólogo, segundo Forte, possui em certo sentido uma alma apocalíptica, pois a tarefa do teólogo é pensar com categorias da *Ratio* o eterno que se revela na história. O fazer teológico está precisamente neste hiato do atemporal que se epifania no tempo. Joaquim, como eminente teólogo, buscou no discurso teológico tocar o “meta-histórico” que entra na história, fazendo-se carne, pessoa de Jesus.<sup>5</sup>

No estudo dos gêneros literários da Sagrada Escritura, a apocalíptica é situada, historicamente, após o gênero profético. Ela toma elementos do profetismo. Há seguramente um nexos incontestável entre a profecia e a apocalíptica. Esta é a derradeira grande expressão teológica do antigo espírito israelítico. Trata-se, segundo Dingermenn, de um novo olhar para o futuro e da última forma de falar das esperanças referentes ao fim.<sup>6</sup>

A apocalíptica, segundo Lindblom, é a revelação de uma doutrina secreta de conteúdo escatológico.<sup>7</sup> Ela exerce na escatologia (doutrina que trata das esperanças), veterotestamentária um novo estágio de “transcendência”, no qual considera o fim da história e a vinda de um mundo novo.

Portanto, pode-se perceber uma tensão entre o movimento apocalíptico, a escatologia e a história. Ambos se interpenetram, como rasgos se tocam. A escatologia não nos permite o perigo de concebermos a história como fatalismo, desespero, finitude, mas antes, abre-se-nos para o atemporal. Contudo, a categoria da história coloca-nos frente ao “já aqui”, não permitindo-nos desinteresse pelas realidades socio-históricas e humanas. Assim, a sadia tensão entre história e escatologia

---

<sup>5</sup> O Evangelista João assim reza: *Theou oudeis eoraken popote; monogenes theos [...] exegeato*. Que se pode traduzir assim: “O que ninguém jamais viu – Ele no-lo explicou, aquele que descansa no seio do pai”. Cf. Jo 1, 18. Nota-se que o verbo grego *exegeomai* significa: explicar, interpretar. Assim Cristo seria Aquele que nos explica, interpreta, expõe o segredo (mysterion) de Deus Pai. Cf. RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Herder, 1970, p. 22.

<sup>6</sup> DINGERMANN, F. O anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os indícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SHREINER, J. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004, p. 419.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 423.

impede ao homem de cair em dois extremos, a saber: historicismo e escatologicismo. A teologia cristã sintetiza muito bem esta realidade, posta com a categoria do “já” e “ainda não”, que invitam ao homem construir a *Civitas Dei* sem prescindir das relações sociopolíticas. Não se olvide que na teologia da Encarnação o humano e o divino se unem sem confusão.

### 3 A doutrina escatológico-trinitária da história em Joaquim de Fiore

Após a apresentação dos pressupostos - escatológico e histórico e sua interpenetração como vimos, ambos eclodem um no outro. É-nos posta a tarefa de discorrer acerca da doutrina joaquinista contida principalmente em sua obra *Tertium Testamentum e Tractatus super quattuor Evangelia*.

Joaquim recebeu influência dos movimentos quiliásticos. O termo origina-se do grego *quilia*, ou seja, milênio. Apoiando-se no livro neotestamentário Apocalipse (Ap 20, 2-7) espera-se que Cristo reinará mil anos na terra antes do fim do mundo e do juízo final. Essa ideia milenarista que havia desaparecido desde o século IV, Joaquim a sistematizou a partir do conceito que se tinha de Deus.<sup>8</sup> Esses movimentos permitiram a Fiore constituir uma visão teológica da história que não segue a grande tradição agostiniana acerca da compreensão da história. Assim, a teologia da História de Joaquim coloca-se como outra interpretação do centro da história, não como Agostinho que parte de Cristo como centro, mas antes parte Joaquim da Trindade.

A teologia da história de Agostinho esconde um perigo, segundo Bruno Forte, pois, se Cristo é a norma universal e o centro escatológico do tempo, graças à sua singularidade atualizada pelo Espírito Santo, então tudo o que aparece fora de Cristo é pecado e negatividade. A tradição agostiniana, embasada no pessimismo histórico e antropológico, baseada no absolutismo cristológico, abre o absolutismo do cristianismo, que abarcará nessa visão todas as decisões de bem, acarretando a problemática da autonomia das realidades terrenas e a dignidade e consistência do tempo histórico.<sup>9</sup> A doutrina de Joaquim, ao contrário

<sup>8</sup> RATZINGER, J. *Escatología. La muerte y La vida eterna*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, p. 28.

<sup>9</sup> FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21.

da teologia da história agostiniana, baseia o evoluir do tempo histórico no processo das Pessoas Pai, Filho e Espírito Santo – em sua eternidade, sem contudo, diluí-las entre si.

Joaquim, após acurada meditação e estudo da Sagrada Escritura e posta a mesma na sua experiência mística, sente-se autorizado a superar o absolutismo crístico, favorecendo uma concepção mais trinitária da história. Assim afirma Falbel acerca da concepção trinitária da história de Joaquim de Fiore:

A importância teológica da doutrina trinitária na obra de Joaquim nos permite avaliar o seu papel na formação de sua concepção de história. A Trindade se manifesta na história da humanidade, determinando suas etapas e permitindo uma interpretação. Mais do que isso, a Trindade serve de esquema para reconhecer uma escala de valores éticos no comportamento da humanidade, no roteiro de sua salvação.<sup>10</sup>

A doutrina joaquinista<sup>11</sup> afirma uma visão da história em etapas, ou tempos que se sucedem um ao outro: “[...] à idade do Pai ele vê suceder a idade do Filho e, agora já às portas da terceira idade, a do Espírito [...]”.<sup>12</sup> A idade do Pai é a da Lei; a do Filho, a da graça, e a da liberdade plena no amor é a do Espírito Santo, numa preclara dialética das categorias teológicas de “profecia e cumprimento”.

Joaquim, no *Liber Concordiae*, apresenta-nos sua concepção acerca das idades:

Os mistérios da página divina nos indicam três estados do mundo: o primeiro é aquele no qual estivemos sob a lei; o segundo, aquele no

<sup>10</sup> FALBEL, N. São Bento e a *Ordo monachorum* de Joaquim de Fiore (1136-1202). In: *Revista USP* (Universidade de São Paulo). Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/30/22-nachman.pdf>>. Acesso em: 18 de março.

<sup>11</sup> “El pensamiento de Joaquín proviene de una visión de la *concordia* o inteligência de las correspondências entre los elementos de la historia veterotestamentaria, los de la histórica evangélica y los pasados y futuros de la Iglesia. A la *littera veteris Testamenti*, a la *littera novi Testamenti*, debe de suceder um *tertius status*, uma edad o régimen nuevos. A cada uma de las personas de la santíssima Trinidad se atribuye cada uno de los três estádios así distinguidos. ‘*Tres status mundi propter tres Personas Divinitatis*’”. CONGAR, Y. M.-J. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Editorial Herder, 1991, p. 154.

<sup>12</sup> FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 21.

qual estamos sob a graça; o terceiro, que esperamos como próximo, no qual estaremos; o segundo está na posse da sabedoria, o terceiro na plenitude da inteligência. O primeiro na servidão servil, o segundo na plenitude filial, o terceiro na liberdade [...]. O primeiro no temor, o segundo na fé, o terceiro em pleno dia. O primeiro na luz das estrelas, o segundo na luz da aurora, o terceiro em pleno dia. O primeiro no inverno, o segundo na primavera e o terceiro no verão [...]; o primeiro estado se refere ao Pai, criador de tudo, o segundo ao Filho, que se dignou assumir a nossa lama, o terceiro ao Espírito Santo, do qual disse o Apóstolo: ‘Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.’ (2 Cor 3,17).<sup>13</sup>

Sua concepção teológica da história conduz a uma visão que toca aspectos da doxologia litúrgica;<sup>14</sup> as orações litúrgicas são patrofinais, cristomediadas e pneumatoamalgamadas, ou seja, tem no Pai a finalidade, no Filho a mediação sacerdotal e no Espírito Santo, Aquele que forma no orante o louvor. Joaquim coloca sua doutrina sob o influxo da teologia litúrgica. Esta assevera que no Pai tem a origem de tudo, no Filho a mediação desta graça e o Espírito Santo como que amalgama em nós a oração, num movimento catabático e anabático. Ainda que com matizes diversas Joaquim recebe o influxo do ambiente que vive sua espiritualidade, a saber, a vida monástica, onde a liturgia ocupa lugar de primazia.

Joaquim soube pensar historicamente a Trindade e trinitariamente a história. A história como o *locus*, o espaço, e a forma da revelação divina; assim, Joaquim defronta-se com a tarefa de pensar o Mistério da Trindade, na história, pois a Revelação se dá na história. É a Salvação que se irrompe na história, fazendo-a ser *Historia Salutis*.

Fiore pensa o Deus Trinitário a partir dos acontecimentos da Revelação. O Deus *Uno-Trino* é entendido como dinamismo fecundo das relações das Pessoas divinas, contudo estas Pessoas, ligadas à história, sem reduzi-las à mesma. Partindo do próprio modo revelatório da Trindade como é em si (imane), se revela na economia, assim Joaquim pensa a mesma história como sendo penetrada pela Trindade.

<sup>13</sup> *Liber Concordiae* v., 77, 105. In: FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 104.

<sup>14</sup> Os textos eucológicos, como as Coletas, iniciam fazendo uma referência ao Pai e concluem – “Por Nosso Senhor Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo”; os salmos, na Liturgia das Horas, finalizam: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”; e as Anáforas, como a de Hipólito de Roma, confluem assim: “[...] ut te



No *Tractatus super quattuor Evangelia*, Joaquim afirma que estas três “idades” ou “etapas” procedem igualmente da Trindade toda, mostrando sua teologia trinitária, cujas obras, “[...] embora num certo aspecto sejam atribuídas distintamente a cada uma das pessoas, [...] não podem estar minimamente divididas pelo motivo da suprema unidade”.<sup>15</sup>

Partindo desta afirmação, Crocco<sup>16</sup> defende a tese segundo a qual Joaquim parece ser perfeitamente ortodoxo no campo trinitário; portanto, ocidental na linguagem e na defesa do *Filioque*,<sup>17</sup> mas tocando na teologia patrística grega que parte da economia e do Pai como fonte que principia tudo.

Forte constata a grandiosidade da concepção de Joaquim, pois liga a vivência humana às raízes eternas, bem como capta-se o evoluir dos tempos históricos não como algo suspenso no nada, mas antes baseada nas próprias Pessoas divinas, num preclaro movimento de vida que provém de algo que supera a história, a partir dela mesma.<sup>18</sup>

Na teologia trinitária e histórica de Joaquim, a Trindade passa a ser o sentido, a gênese e o lugar adoravelmente transcendente e, na expressão de Forte, “a Pátria da história do mundo”. Portanto como assevera Lubac,<sup>19</sup> para Joaquim a idade do Pai se estendia até a encarnação, dando lugar à idade do Filho, que era a da Igreja, mas já anunciando a terceira idade, a do Espírito Santo, que nas palavras de Joaquim reinaria. A terceira idade seria a do reinado do Espírito Santo.

Esta é a novidade de Joaquim de Fiore. Ele situa a tensão escatológica do “já” e “ainda não” para o sentido apocalíptico, não como o lugar das últimas coisas, mas como o lugar das coisas vindouras e novas que se devem realizar nesta terra e neste tempo terreno. Contrapondo-se a Agostinho, o Abade calabrês não busca a perfeição no além de toda a realidade terrena, mas numa perfeição como fase terrena, como algo

<sup>15</sup> *Tractatus super quattuor Evangelia*. Roma: E. Buonaiuti, 1930, p. 21-27.

<sup>16</sup> CROCCO, A. La teologia trinitária di Giacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 105.

<sup>17</sup> “Assim como o Espírito Santo não procede só do Filho, mas, como dizem os santos doutores, principalmente do Pai [...]”, Joaquim no *Tractatus* assevera sua ortodoxia quanto à processão do Espírito Santo do Pai e do Filho, corroborando a tese de Crocco acerca da ortodoxia de Joaquim no que concerne à teologia trinitária.

<sup>18</sup> FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 22-23.

<sup>19</sup> LUBAC, H. de. La poterità spirituale. In: FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 23.

atingível não só no além escatológico, mas no atingível nesta vida e na história.<sup>20</sup>

Contudo, Fiore não inova no método, (apropria-se do já conhecido método alegórico, tão caro ao período patrístico, e à equivalência de fatos passados, presentes e futuros) nem em relação aos textos da Sagrada Escritura, mas foi antes o colocar o método alegórico para interpretar a história. Joaquim, utilizando-se do método alegórico, aplica-o para interpretar a história, partindo da Trindade das Pessoas divinas, historicizando a Trindade (economia) e trinitarizando a história.

Como decorrência de seus estudos e doutrina das “idades”, Joaquim calculou o número de gerações de cada “idade”. Aproximativamente cada idade teria quarenta gerações e cada geração uns trinta anos. Assim alcançou o cálculo de que no ano de 1260 seria o *Eschaton*. Sua doutrina apontava para a irrupção do Espírito Santo, de seu reinado na terra.

A doutrina de Joaquim não evita a acentuação do *solus Spiritus*. Isso se deve tanto mais à carência teológica da atenção à terceira Pessoa. Há certamente um déficit de estudos Pneumáticos.<sup>21</sup> Assim, pela constatação do déficit do Tratado da Pneumatologia, Joaquim, como acentua Mottu, faz uma teologia da esperança sob a forma de teologia do Espírito Santo, sob a recuperação do pensamento apocalíptico, presente nos escritos neotestamentários.

## Considerações finais

Caber-nos-ia inquirir com Yves Congar se de fato a teologia do ocidente é cristomonista, ao invés de ser trinitária. Crítica esta da teologia oriental mais trinitária e apofática. Partindo desta consideração, poder-se-ia mesmo ponderar. Joaquim de Fiore não tenta ultrapassar este

<sup>20</sup> GRUNDMANN, H. Studi su Gioacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995, p. 23.

<sup>21</sup> Forte assevera acerca do déficit pneumatólogico na reflexão teológica: “Se existe uma acentuação entusiasta do *solus Spiritus veritatis* e do *evangelium spirituale*, isto é devido tanto à reação a uma certa carência pneumatólogica encontrável na tradição ocidental, como a uma tensão otimista, a uma esperança viva, fundada, na maneira mais radical, no significado trinitário da história”. FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 107. Para uma melhor consideração acerca desta carência pneumatólogica, consultar o artigo de Congar – CONGAR, Y. Pneumatologia ou “christomonisme” dans la tradition latine? In: *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 45, 1969, p. 394-48-16.

déficit trinitário e com acentos pneumatológicos na teologia ocidental? Não olvidemos que não é intenção deste artigo apresentar soluções acerca desta questão, mas busca antes colocar a questão para a ulterior reflexão teológica.

Contudo, poder-se-ia ponderar acerca da ortodoxia ou heterodoxia de Joaquim. Para tanto, teremos que ponderar alguns dados. Primeiramente deve-se considerar a rápida difusão do joaquinismo e as matizes de acentuação interpretativa de sua doutrina.

Boaventura<sup>22</sup> assume a tarefa de salvaguardar algo do joaquinismo. Segundo o mesmo, não há um tempo do Espírito Santo em sentido autônomo da cristologia. O tempo do Espírito é o tempo de Cristo, não havendo uma separação e independência do Pneuma, pois o Espírito é de Cristo. Contudo, o pensamento do aquinate – Tomás de Aquino – foi implacável contra o joaquinismo. Ainda que aceitando a tipologia da doutrina de Fiore, santo Tomás rejeita a busca de paralelo entre o traço particular neotestamentário com um dado veterotestamentário. Para a teologia de Tomás, Joaquim separa o Pneuma da cristologia. Congar assevera que não pode haver outro tempo além do Cristo que é simultaneamente tempo do Espírito – dom do ressuscitado à comunidade eclesial e humana.

Alguns criticam a doutrina joaquinista, pois afirmam que a mesma aprisiona a Trindade na história; contudo, Bruno Forte, não corrobora esta visão, pois, na doutrina de Joaquim, há uma esperança transcendente, fundada naquilo que é mais que a história, bem como apresenta a Trindade como revelando-se na história, não esvaziando a imanência Trinitária em detrimento da Trindade econômica.

Um segundo aspecto é que a doutrina de Fiore deve ser compreendida como alegórica. Sua visão é o coroamento da tradição patrística e do método exegético do medievo. Esse aspecto é ponderado por H. de Lubac.<sup>23</sup>

Filho<sup>24</sup> apresenta uma boa defesa de Joaquim ao afirmar que o mesmo, não pode ser responsabilizado pelas distorções de sua doutrina e

<sup>22</sup> São Boaventura OFM. (1221-1274) foi um filósofo e teólogo escolástico medieval nascido do século XIII. Pertenceu à Ordem dos Frades Menores e foi cardeal de Albano. Boaventura foi ainda canonizado em 1482 e declarado Doutor da Igreja em 1588 com o título de Doutor Seráfico (Doctor Seraphicus).

<sup>23</sup> LUBAC, H. de. *Revelação e experiência do Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 487.

<sup>24</sup> FILHO, M.B. Escatologia e apocalíptica em Joaquim de Fiore. Uma leitura crítica do *Tertium Testamentum*. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e discernimento*. Experiência e razão no horizonte pneumático das Igrejas. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 117.

pelo uso do quiliástico de suas ideias. E mais, dever-se-ia considerar uma distinção entre a Doutrina de Joaquim de Fiore e o joaquinismo, pois não raros intérpretes do pensamento de Fiore são superficiais, seccionando as “idades” como momentos estanques e de superação radical de cada nova “idade” em relação à antecessora. Contudo não se olvide que o milenarismo joaquinista sempre foi visto com reservas pela Igreja.

Como última análise, pondera Forte um parecer acerca de Joaquim. Ele “[...] é e permanece uma testemunha do Transcendente, um monge que se preocupou com o eterno e ousou pensá-lo como o único fundamento verdadeiro do devir do tempo”.<sup>25</sup> E mais “[...] Joaquim é mais um exegeta do que um profeta, é um fiel servidor do Verbo”.<sup>26</sup>

## Referências

CONGAR, Y. Pneumatologia ou “christomonisme” dans la tradition latine? In: *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, n. 45, p. 394-48-16, 1969.

CROCCO, A. La teologia trinitária di Giacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.

DINGERMANN, F. O anúncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim. Os indícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: SHREINER, J. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

FILHO, M. B. Escatologia e apocalíptica em Joaquim de Fiore. Uma leitura crítica do *Tertium Testamentum*. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e discernimento. Experiência e razão no horizonte pneumático das Igrejas*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

GRUNDMANN, H. Studi su Gioacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

FALBEL, N. São Bento e a *Ordo monachorum* de Joaquim de Fiore (1136-1202). In: *Revista USP* (Universidade de São Paulo). Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/30/22-nachman.pdf>>. Acesso em: 18 de março.

<sup>25</sup> FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 108.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 111.

- LUBAC, H. de. La poterità spirituale. In: FORTE, B. *Teologia da História*. Ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Revelação e experiência do Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Tractatus super quattuor Evangelia*. Roma: E. Buonaiuti, 1930.
- MOTTU, H. La manifestazione dello Spirito secondo Giacchino da Fiore. In: FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*. Metafísica e teologia. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. São Paulo: Aste, 1986.
- RATZINGER, J. *Escatología. La muerte y la vida eterna*. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- SANTOS, L. A. R. *Nada antepor ao amor de Cristo*. Diretório Espiritual dos Monges e Monjas da Congregação Brasileira. Musa: São Paulo, 2007.
- SHREINER, J. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

Recebido: 14/05/2012

Avaliado: 27/05/2012